



AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA SOB UMA PERSPECTIVA DOS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Almir Anacleto de Araújo Gomes

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
almir.ufcg@gmail.com

Mikaylson Rocha da Silva

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
mikaylson_rocha@hotmail.com

Resumo:

O século XX presenciou o desenvolvimento da Linguística em todos os seus ramos e de maneira mais forte viu no final da década de sessenta e início da década de setenta. Nesse período, particularmente, se desenvolverem mais amplamente dois sub-ramos da Linguística: os estudos da Sociolinguística Variacionista desenvolvidos principalmente por Labov (1969) e os estudos da aquisição da linguagem de segunda língua (Bayley, 2005, 2007). Uma convergência das teorias desenvolvidas nessas áreas de estudos dentro da Linguística é importante para compreender o fenômeno de aquisição de segunda língua, doravante, L2. Assim, o tema deste artigo está relacionado às contribuições da Sociolinguística Variacionista aos estudos de Aquisição de Língua Estrangeira e vice-versa. Com isso, este artigo tem o objetivo de relatar contribuições dos estudos da Sociolinguística Variacionista aos estudos de Aquisição de Língua Estrangeira bem como contribuições desses naqueles. Para tanto, será apresentado uma breve introdução da abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista; em seguida, será apresentar-se-á uma breve introdução dos estudos em Aquisição de Língua Estrangeira; e por fim, será relatado pesquisas que combinam as teorias de Aquisição de Língua Estrangeira com o aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista. Observou-se que diversas pesquisas têm sido desenvolvidas objetivando compreender o fenômeno de aprendizagem de língua estrangeira bem como as variações que podem ocorrer durante esse processo de aprendizagem, na chamada fase de interlíngua. Com isso, percebe-se o quanto os estudos variacionistas têm e podem contribuir para a compreensão do processo de aprendizagem de língua estrangeira. Assim também, através da compreensão de como se dá o processo de aprendizagem de língua estrangeira, pode-se compreender de maneira mais clara que processos podem facilitar ou inibir a variação linguística.

Palavras-chave: Aquisição de Língua Estrangeira; Sociolinguística Variacionista; Convergências.

1. INTRODUÇÃO

O século XX presenciou o desenvolvimento da Linguística em todos os seus ramos e de maneira mais forte viu no final da década de sessenta e início da década de setenta. Nesse período, particularmente, se desenvolverem mais amplamente dois sub-ramos da Linguística: os estudos da Sociolinguística Variacionista desenvolvidos principalmente por Labov (1969) e os estudos da aquisição da linguagem de segunda língua (Bayley, 2005, 2007). Uma convergência das teorias desenvolvidas nessas áreas de estudos dentro da Linguística é importante para compreender o fenômeno de aquisição de segunda língua, doravante, L2.



Assim, o tema deste artigo está relacionado às contribuições da Sociolinguística Variacionista aos estudos de Aquisição de Língua Estrangeira e vice versa. Com isso, este artigo tem o objetivo de relatar contribuições dos estudos da Sociolinguística Variacionista aos estudos de Aquisição de Língua Estrangeira bem como contribuições desses naqueles. Para tanto, será apresentado uma breve introdução da abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista; em seguida, será apresentar-se-á uma breve introdução dos estudos em Aquisição de Língua Estrangeira; e por fim, será relatado pesquisas que combinam as teorias de Aquisição de Língua Estrangeira com o aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista.

2. Sociolinguística Variacionista

William Labov (1972) desenvolve uma abordagem teórico-metodológica que tem como ponto principal a relação da linguagem com a sociedade em contrapartida primeiramente à teoria de Saussure que dicotimizava a sincronia da diacronia, à ideia de que não seria possível observar as mudanças sonoras diretamente e aos estudos aos estudos gerativistas que concebiam a língua dissociada da sociedade. A abordagem gerativa falava em falante ou ouvinte ideal, argumentando que não é possível estudar a fala por ser caótica e não permitir sistematização.

A Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Variacionista surge então com o objetivo de analisar a variação ou mudança linguística no contexto de fala, isto é, nas expressões linguísticas do dia a dia. Ao contrário de Saussure e Chomsky, Labov argumenta em torno da heterogeneidade da língua, isto é, entendendo a língua como caótica, no entanto, trata-se de um caos sistematizado (COAN & FREITAG, 2010). Assim, a Sociolinguística procura compreender o sistema subjacente às variáveis linguísticas. (BAYLEY, 2007). A sociolinguística se propõe então a fazer a correlação das variáveis linguísticas detectadas em uma comunidade com fatores sociais que podem de alguma forma favorecer o aparecimento de certas formas em detrimento de outras.

Dentro da Sociolinguística uma das áreas chave é a perspectiva variacionista (BAYLEY & LUCAS, 2007). A sociolinguística variacionista propõe explicação do caos linguístico, através da sistematização da variação, que é entendida como duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa (TARALLO, 2007). Dessa forma, o objeto de análise da sociolinguística é a língua falada, isto é, a língua usada para a comunicação no dia a dia em situações autênticas de uso. Assim, a Sociolinguística Variacionista procura entender o sistema subjacente às variantes linguísticas, com foco especial para as variantes estigmatizadas (BAYLEY, 2007).



Paralelamente e convergindo para os estudos variacionistas, surgem os estudos em Aquisição de Segunda Língua, doravante, SLA (Second Language Acquisition) que procuram compreender como se dá o processo de aquisição de uma língua segunda ou estrangeira. Dentro dos estudos de SLA surgem as investigações a respeito da interlíngua, definido por Selinker (1972) como um sistema aproximado contendo regras da língua alvo e da L1 do aprendiz, mas que não pode ser explicado apenas por essas regras. Dessa forma, busca-se na Teoria da Variação laboviana explicar a variação na interlíngua de aprendizes de L2 também.

Segundo Bayley (2007), a sociolinguística variacionista oferece meios para entender possíveis transferências de L1 na produção em L2 através de análises de diversos fatores que possam influenciar o surgimento das variáveis, levando a conclusão se determinada variável é uma transferência da L1 do aprendiz ou é condicionada por outro fator. Outra vantagem da sociolinguística é a descrição mais próxima do sistema linguístico da L2 do que a descrição da gramática normativa, já que a teoria laboviana trata da língua extraída diretamente da comunidade de fala. Um terceiro fator positivo é que a teoria variacionista consegue entender o processo de aquisição de uma segunda língua, possibilitando a escolha de diferentes métodos para ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Além disso, a teoria pode auxiliar na aquisição de competência sociolinguística, no sentido de estilo de comunicação por aprendizes de uma língua estrangeira.

Apesar da afluência da teoria variacionista com a teoria de aquisição de segunda língua, poucos estudos haviam utilizados as duas teorias complementarmente até a década de 70 como afirma Bayley (2007) que só a partir de então, estudos em aquisição de L2 começaram a se desenvolver tendo como aporte a teoria variacionista.

3. Aquisição de L2

Há duas maneiras de se referir ao processo de aprendizagem de uma língua, seja ela língua materna ou segunda língua, na literatura pertinente. Fala-se de aprendizagem de língua (language learning) ou aquisição de linguagem (language acquisition). Segundo Beaugrande (1997), aprender uma língua e adquirir uma língua são termos que se referem à mesma coisa, no senso comum, mas que existe diferença entre os mesmos. Krashen (1997) em uma de suas hipóteses sobre aquisição de linguagem, a primeira, mais especificamente, faz uma distinção entre aprendizagem e aquisição de segunda língua por adultos. O primeiro modo, ou seja, aquisição, seria semelhante ao modo como



uma criança aprende sua primeira língua e a outra maneira, aprendizagem, está relacionada com o conceito de conhecimento de regras, um processo consciente. Conforme Slama-Cazacu (1979:77), aprendizagem e aquisição são dois processos distintos, mas que podem ser agrupados segundo alguns dos aspectos, discutidos abaixo.

Quando o termo aprendizagem de uma segunda língua é mencionado, geralmente está se referindo ao processo consciente de aquisição de uma língua, no qual o aprendiz conscientemente faz esforços para aprender a reconhecer e utilizar adequadamente a língua alvo.

Por outro lado, quando se refere à aquisição de língua (language acquisition), trata-se de um processo inconsciente por parte do aprendiz, no qual o mesmo adquire a língua sem fazer nenhum esforço consciente para tal. Isso não significa que a aquisição de língua se dá apenas em língua materna, mas uma segunda língua ou língua estrangeira também pode ser adquirida dessa forma.

Nesta distinção que Krashen (1997) faz entre aquisição e aprendizagem de linguagem, ele considera o processo de aquisição de L2 por um adulto semelhante à aquisição de L1 por uma criança. Segundo o autor, aquisição de linguagem é um processo subconsciente, em que os aprendizes da L2 não têm consciência do processo de aquisição da língua alvo. Os aprendizes têm consciência apenas de que estão usando a língua para se comunicarem, mas não têm consciência das regras estruturais da língua que estão aprendendo (KRASHEN, 1997):

“Language acquisition is a subconscious process; language acquirers are not usually aware of the fact that they are acquiring language, but are only aware of the fact that they are using the language for communication” (KRASHEN, 1997, p. 10)

O termo aprendizagem da linguagem é definido por Krashen (1997) diferentemente do processo de aquisição como uma ação consciente por parte do aprendiz da L2. O aprendiz tem consciência das regras da língua que está aprendendo tendo habilidade inclusive de falar sobre as mesmas, sendo, um comportamento metalinguístico. Assim, a aprendizagem de L2 é, para Krashen (1997), um processo consciente, ou seja, o aprendiz tem conhecimento das regras gramaticais da língua, sabendo inclusive explicar como e onde utilizar um determinado item gramatical.

Schütz (2006, p. 1) por sua vez, resume as ideias de Krashen (1997), tratando o processo de aquisição da linguagem, ou assimilação, como um processo natural, intuitivo, no qual o aprendiz é sujeito ativo do processo, uma vez que a aprendizagem é produto da interação em situações reais de comunicação humana. Quanto ao processo de aprendizagem formal, o autor compara ao ensino formal de línguas, em que é dado um enfoque primordial as questões metalinguísticas da língua.



Não raramente, aprendizes têm um conhecimento a respeito da língua, mas não sabem utilizá-lo na prática.

“Stephen Krashen, em sua hipótese learning/acquisition, estabelece uma distinção clara entre learning (estudo formal - receber e acumular informações e transformá-las em conhecimento por meio de esforço intelectual e de capacidade de raciocínio lógico) e acquisition (desenvolver habilidades funcionais através de assimilação natural, intuitiva, inconsciente, nas situações reais e concretas de ambientes de interação humana) e sustenta a predominância de acquisition sobre learning no desenvolvimento de proficiência em línguas” (SCHÜTZ, 2006, p. 1).

Assim, como os termos referidos anteriormente, é preciso definir também os termos L1, L2 e FL ou LE, primeira língua ou língua materna, segunda língua e língua estrangeira respectivamente, no contexto de aprendizagem de língua, para que não haja uma incompreensão dos mesmos.

Os termos língua materna (mother tongue) ou primeira língua (L1) se referem como o próprio nome já indica, à primeira língua com a qual a criança tem contato desde o nascimento, ou mesmo antes, como sugerem algumas pesquisas sem relevância para este trabalho. A língua que a criança escuta de seus pais no dia-a-dia e que vai internalizando a cada momento, de forma a se tornar proficiente na mesma no decorrer de sua infância é a chamada língua materna. A língua materna ou L1 é adquirida com os pais e no convívio social, ou seja, na sua relação com o outro. Segundo Pereira de Castro (apud S. SANTOS, 2005, p. 38)

“é a língua materna que nos coloca na posição de sujeitos falantes, o que lhe permite afirmar que ‘a língua materna deve ser compreendida como uma experiência única, impossível de ser esquecida mesmo quando a julgamos perdida; mesmo se não a reconhecemos mais na superfície da fala, mesmo se falamos uma língua estrangeira’”.

O termo segunda língua ou L2 (*Second language*) se refere à língua que a criança aprende juntamente ou após a língua materna, de maneira formal ou informal. Considerando a visão de Dulay (1982), L2 refere-se à aquisição de outra língua ulterior a língua materna (L1). Essa L2 pode ser aprendida em dois ambientes diferentes. Em um ambiente estrangeiro, como no caso da língua inglesa no Brasil, no qual o aprendiz não se depara com o uso constante da língua no seu cotidiano ou em situações próprias de uso, como o francês no Canadá, por exemplo, onde o aprendiz utiliza a tal língua no seu dia-a-dia, de maneira natural como veículo de comunicação.

Tal conceito de segunda língua é compartilhado por Cook (1996) que caracteriza a L2 como a língua que é ensinada ou aprendida em um país onde ela é utilizada cotidianamente, como, por exemplo, imigrantes que aprendem a língua no país onde passam a viver. Ainda segundo Cook (1996), a aprendizagem de segunda língua é diferente da aprendizagem de primeira língua. Segundo



Halliday (1975 apud Cook, 1996), aprender a L1 é aprender a usar a linguagem, é descobrir que a linguagem é usada para o relacionamento entre as pessoas e para expressar idéias, ao contrário da L2, pois o indivíduo já descobriu isso ao aprender a L1, fazendo, portanto, o aprendizado de L2 um processo diferente do processo de aprendizado de língua materna. Yokota (2005) também se refere à língua aprendida após a língua materna como L2, além de classificar o sistema linguístico aprendido após a língua materna como um “sistema aproximado”. Embarcando nesse discurso, Ellis (2003), afirma que o termo segunda língua se refere a qualquer língua aprendida após a primeira, podendo ser utilizado para a aprendizagem de uma terceira, quarta ou quinta língua aprendida pelo indivíduo.

Outro termo presente na literatura de psicolinguística pode gerar incompreensão para os leitores, pois os autores o englobam na categoria de segunda língua. Trata-se do termo língua estrangeira – LE (foreign language), ou simplesmente FL. O termo língua estrangeira (LE) se refere à língua adquirida após a língua materna, mas que não é utilizada como veículo de comunicação na comunidade a qual pertence o indivíduo que está aprendendo tal língua. Revuz (1998 apud S. Santos, 2005, p. 38) afirma:

“(…) a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua” (SANTOS, 2005, p. 38).

Segundo Slama-Cazacu (1979) a aquisição de língua estrangeira pode ocorrer através de algumas formas de aprendizagem: 1. como autodidata, na qual o indivíduo aprende a língua sem interferência de um tutor, nem um programa a ser seguido; 2. como espontânea, com o aprendiz participando de uma comunidade que utiliza a língua como meio de comunicação, como em uma viagem do aprendiz a um país estrangeiro, ou através do contato com pessoas que falem a língua alvo; 3. como aprendizagem via ensino formal, sendo o aprendiz submetido a um input formal segundo estágios programados e sob a supervisão de um tutor.

Cook (1996) também compartilha de tal ideia sobre LE, considerando-a como a língua aprendida em um país onde a mesma não é utilizada como meio de comunicação entre as pessoas no seu dia-a-dia, como, por exemplo, quando se aprende inglês no Brasil.

Retomando algumas referências na literatura consultada, a LE é classificada como L2, termo definido pela UNESCO como “uma língua adquirida por uma pessoa além da sua língua



materna”. Com isso, tal termo passa a ser usado para se referir a todas as línguas que não sejam a L1, em qualquer situação ou para qualquer propósito.

Neste trabalho, embarcaremos na concepção de aprendizagem enquanto aquisição como foi citado na introdução do mesmo. Isso significa que, quando os termos aquisição ou aprendizagem de linguagem são mencionados, têm o mesmo valor semântico, ou seja, os termos serão utilizados para a aprendizagem formal de língua. Durante o processo de aquisição de linguagem, também acontece esforços conscientes de aprendizagem. Entretanto, em alguns casos, o oposto é verdadeiro. Durante o processo de aprendizagem consciente de uma língua, há momentos em que o indivíduo internaliza inconscientemente aspectos linguísticos importantes para a aprendizagem, fato que até hoje diverge na literatura consultada.

Portanto, usamos os termos com significados comuns também baseados em Slama-Cazacu (1979). A autora considera os processos de aquisição de L1 e aprendizagem de LE como inconfundíveis, mas que podem ser considerados como um conjunto, segundo alguns aspectos dos mesmos. Ainda neste contexto, consideraremos a concepção de língua de Ellis (2003), Dulay (1982) e Cook (1996) ao definirem os termos L2 ou LE explicitados acima.

4. Estudos em Aquisição de Língua Estrangeira sob e Sociolinguística Variacionista

A seguir, apresentamos estudos em aprendizagem de língua estrangeira que usam o aporte metodológico quantitativo da Sociolinguística Variacionista. Os estudos mencionados aqui estão dentro de um recorte do fenômeno da epêntese vocálica inicial + sC *cluster*, já que este é o fenômeno que investigamos.

Com o propósito de verificar se a relação de marcação em uma língua alvo influenciaria a dificuldade de aquisição da língua como L2, Carlisle (1988) desenvolveu a Hipótese de Marcação Intralingual (*Intralingual Markedness Hypothesis* - IMH) e investigou o efeito da marcação na aquisição de inglês como L2 por aprendizes falantes nativos de espanhol. Para testar a IMH, duas condições foram estabelecidas: primeiro, que a estrutura da língua alvo deve ser diferente da estrutura na língua nativa do aprendiz e segundo, a estrutura na língua alvo, deve estar em condição de marcação. Foram investigados os a aquisição dos clusters /sl/, /sm/ e /sn/, os quais todos atendem as condições de testagem de IMH.



Para a investigação, Carlisle (1988) selecionou 14 participantes adultos, falantes nativos de espanhol, da Colômbia, México e República Dominicana, sendo sete homens e sete mulheres. Para a coleta de dados, os participantes liam 435 sentenças não relacionadas semanticamente entre si, as quais eram gravadas. Para cada cluster inicial (/sl/, /sm/ e /sn/) foram utilizadas 145 sentenças.

Os resultados obtidos com essa investigação ajudaram a explicar e não somente a apontar um aspecto da interlíngua em L2, que se trata da variabilidade. Os dados mostraram que a frequência média da epêntese vocálica inicial antes de /sl/ foi significativamente inferior a /sm/ e /sn/, apontando que estruturas menos marcadas são frequentemente menos modificadas que estruturas mais marcadas, isto é, apresentam uma maior facilidade de aquisição.

Um estudo de caso longitudinal foi conduzido por Abrahamsson (1999) com um falante nativo de espanhol adulto, da Bolívia, estudante de engenharia na Suécia, aprendendo sueco neste país. O estudo foi conduzido de forma longitudinal com gravações de falas espontâneas do aprendiz a partir de agosto de 1990, 10 dias depois de o informante chegar a Suécia, até maio de 1991. O objetivo da investigação era verificar como se comportava o fenômeno da epêntese vocálica inicial na produção oral do informante ao longo do tempo, conforme a sua proficiência na L2 ia se desenvolvendo.

A investigação tinha como objetivo replicar estudos de Carlisle (1988; 1991a; 1991b, 1992, 1994; 1997 & 1998) que tinham como foco a fenômeno da epêntese vocálica inicial sob algumas condições como contexto precedente, comprimento do cluster, e sonoridade em condições de fala provocada. Abrahamsson (1999), então investiga esses pontos mais o aspecto de desenvolvimento da produção dos clusters de forma longitudinal, levando em conta, portanto, o nível de proficiência do aprendiz investigado, além de outras variáveis como contexto precedente, tamanho e sonoridade do cluster e a relação destas duas últimas variáveis.

Os resultados obtidos confirmam os estudos anteriores a respeito da produção dos sC clusters, confirmando que o contexto precedente influencia na produção da epêntese vocálica, sendo o uso mais frequente quando o contexto precedente trata-se de um som consonantal. O tamanho do cluster também favorece o aparecimento da epêntese, ou seja, cluster com três membros após o /s/ é o contexto mais favorável para o aparecimento da mesma do que apenas com dois membros. Por ser um estudo longitudinal, percebeu-se que o efeito de diminuição da frequência de produção da epêntese vocálica inicial não decresce de forma retilínea a partir do início da aprendizagem da L2, mas há variações durante o processo.



Chen (2003) levando em conta estudos de fonologia de segunda língua, hipóteses da Análise Contrastiva como a Hipótese da Marcação Diferencial (MDH) e a Hipótese da Conformidade Estrutural da Interlíngua (ISCH), procurou investigar o desenvolvimento fonológico da interlíngua de falantes nativos de chineses aprendizes de inglês como segunda língua. Para tanto, verificou-se como esses chineses aprendizes de Inglês como segunda língua lidavam com clusters iniciais de tri-consonantal e bi-consonantal. Para tal, considerou-se, por exemplo, o fato de a língua inglesa permitir clusters iniciais de até três elementos (C)(C)(C)V(C)(C)(C), enquanto o chinês só admite o máximo de dois elementos, sendo o segundo deles, um glide (CGVX – C = consoante inicial, G = glide, V = núcleo, X = coda, que pode ser nasal ou glide).

Para a realização da pesquisa, nove informantes participaram do experimento, sendo três mulheres e seis homens. Dos participantes, sete deles estudavam inglês há pelo menos 4 anos e estavam em uma faixa etária média de 17 anos de idade. Os outros dois participantes, um de 23 anos de idade e outro de 55, tiveram instrução de língua inglesa apenas na escola. Todos os participantes eram falantes nativos de chinês e a maioria deles falava um pouco de tailandês. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: a primeira etapa consistiu de 10 sentenças contendo nove palavras com cluster inicial tri-consonantal e 11 palavras com cluster inicial bi-consonantal. A segunda etapa consistiu de uma lista de 15 palavras cluster inicial tri-consonantal e 30 palavras com cluster inicial bi-consonantal. As frases e palavras lidas pelos informantes foram gravadas e depois transcritas foneticamente por dois falantes nativos de inglês, com treinamento em linguística.

Os resultados mostraram que os chineses modificaram com mais frequência tri-consonantal clusters iniciais 23,7%, os quais segundo a MDH são mais marcados, do que os bi-consonantais 9,3%, levando então, a entender que os aprendizes chineses de inglês como segunda língua adquirem os clusters bi-consonantais antes dos tri-consonantais. Essa investigação, no entanto, não considerou variáveis como idade dos participantes, sexo ou nível de proficiência na L2.

5. Considerações finais

Como pode ser verificado nos relatos de pesquisas anteriores, diversas pesquisas têm sido desenvolvidas objetivando compreender o fenômeno de aprendizagem de língua estrangeira bem como as variações que podem ocorrer durante esse processo de aprendizagem, na chamada fase de interlíngua. Com isso, percebe-se o quanto os estudos variacionistas têm e podem contribuir para a compreensão do processo de aprendizagem de língua estrangeira. Assim também, através da



compreensão de como se dá o processo de aprendizagem de língua estrangeira, pode-se compreender de maneira mais clara que processos podem facilitar ou inibir a variação linguística.

Referências Bibliográficas

ABRAHAMSSON, Niclas. **Vowel Epenthesis of /sC(C)/ Onsets in Spanish/Swedish Interphonology: A Longitudinal Case Study.** *Language Learning* 49:3, September 1999, pp. 473–508.

BAYLEY, R & LUCAS, C. **Sociolinguistic Variation: Theories, Methods, and Applications.** Cambridge University Press. 2007.

_____, R. **Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation.** IN: BAYLEY, R & LUCAS, C. *Sociolinguistic Variation: Theories, Methods, and Applications.* Cambridge University Press. 2007.

BEAUGRANDE, Robert de. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication and the Freedom of Access to Knowledge and Society.** Volume LXI, *Advances in Discourse Processes*, University of Viena, Roy O. Freedle, Ablex Publishing Corporations, New Jersey, 1997.

BOUDAOU, M. & CARDOSO, W. **Vocalic [e] Epenthesis and Variation in Farsi-English Interlanguage Speech.** *Concordia Working Papers in Applied Linguistics*, 2, 2009.

CARDOSO, W. **The Development of sC Onset Clusters in Interlanguage: Markedness vs. Frequency Effects.** *Proceedings of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2007)*, ed. Roumyana Slabakova et al., 15-29. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2008.

_____, W. **Word-final stops in Brazilian Portuguese English: acquisition and pronunciation instruction.** *Ilha do Desterro Florianópolis* n° 55 p. 153-172 jul./dez. 2008.

CARLISLE, Robert S. & ESPINOSA, Juan Antonio Cutillas. **The Production of /sC/ Onsets in a Markedness Relationship: A Longitudinal Study.** In K. Dziubalska-Kołaczyk, M. Wrembel, & M. Kul (Eds.), *Proceedings of the 6th International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech, New Sounds 2010*, Poznań, Poland, Poznan: Adam Mickiewicz University, 2010.

CHEN, S. **Acquisition of English onset clusters by Chinese learners in Taiwan.** *The University of Edinburgh, Postgraduate Conference Proceedings*, 2003. Disponível em:



http://www.ling.ed.ac.uk/~pgc/archive/2003/proc03/Szu-wei_Chen03.pdf Acesso em 28 agosto 2012.

COLLISCHONN, G. **A sílaba em português**. IN: BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 5ª ed, 2010.

COOK, Vivian J. **Second Language Learning and Language Teaching**. 2ed. London, Oxford University Press, 1996.

DULAY, Heidi, BURT, Marina & KRASHEN, Stephen. **Language Two**. Oxford, Oxford University Press, 1982.

ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. 8 ed. Oxford, Oxford University Press, 2003.

ESCARTÍN, C. I. **The development of sC onset clusters in Spanish English**. 2005. 107 págs. Tese – Concordia University, Canadá, 2005.

KRASHEN, Stephen, D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Prentice: International Hall, UK, 1997.

LIMA, L. A. S. **Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFPB, 2012.

SANTOS, Hélade Scutti. **O “Erro” do Aluno de Língua Estrangeira sob um outro olhar**. IN: BRUNO, Fátima Cabral (org.). **Ensino & Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática**. São Carlos, Claraluz, 2005.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

SCHÜTZ, Ricardo. **A Idade e o Aprendizado de Línguas**. English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-apre2.html>>. Online. 30 de agosto de 2005.

SELINKER, L. **Rediscovering Interlanguage**. New York: Longman, 1972.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. Contexto, 2012.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia**. Contexto, 2011.

SLAMA-CAZACU, Tatiana. **Psicolinguística Aplicada ao Ensino de Línguas**. São Paulo, Pioneira, 1979.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Ed. Ática. São Paulo, 2007.



YOKOTA, Rosa. **Aquisição & Aprendizagem de Línguas Estrangeiras** – aspectos teóricos. IN: BRUNO, Fátima Cabral (org.). **Ensino & Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática**. São Carlos, Claraluz, 2005.